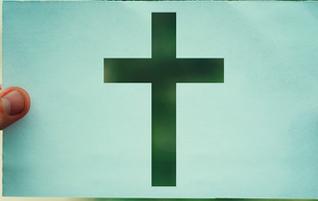
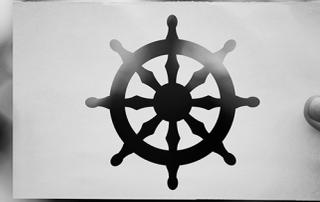


Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho
(Organizadores)



Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho
(Organizadores)



Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia e ciência da religião: agenda para discussão 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Vanessa Alves Pereira, Sonellaine de Carvalho. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-541-9

DOI 10.22533/at.ed.419202810

1. Teologia. 2. Ciência. 3. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). III. Carvalho, Sonellaine de (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O momento em que vivemos, marcado pela primeira onda mundial do COVID-19 tem levado muitas pessoas a refletirem sobre a vida. O diálogo religioso tem sido, nesses momentos difíceis acalento para muitas pessoas. Mesmo, sabendo que historicamente as Ciências da Religião e a Teologia, possuem identidades e trajetórias próprias, porém, não indiferentes entre si, arriscamos dizer que nesse contexto abstruso, através da “fé e da razão” vêm colaborando na religiosidade das pessoas. No discurso teológico de São Tomás de Aquino a “fé e a razão” aparecem como valores intrincados com o conhecer da verdade, e nos contextos de hoje, marcado pelo isolamento social, o conhecer nos leva a verdade do outro e a verdade sobre nós mesmos. Reflexões sobre a vida, o ser humano, a morte, o sagrado têm sido perenes nesse período de isolamento.

Um dos caminhos utilizados pelas pessoas nesse contexto pandêmico, é o da leitura. Uma boa leitura, sempre fez bem ao corpo e a alma. A partir dessas premissas apresentamos a obra - **Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2** -. Uma obra com 11 textos diversificados, oriundos de pesquisas, investigações de vários autores e de vários contextos. Tais elementos, tornam esta obra rica em reflexão gravitando em eixos como (Bíblia Hebraica, Confessionalidade, Congar, Eclesiologia, Gênero. Morte, Narrativas Bíblicas, Paradigmas, Peregrinos, Preservação, Religião, Santo, Tempos, Teologia, Tolerância. Xintoísmo, etc.) cujos diálogos ora perpassam pelos liames das Ciências da Religião, ora pela Teologia. Deixamos aqui o convite, para leiam e apreciem a obra.

Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMAGEM FEMININA NA ASSEMBLEIA DE DEUS – MISSÕES: UM PANORAMA DE COMO QUADROS TEÓRICOS PERMITEM COMPREENDER POSSÍVEIS TENSÕES ENTRE AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO ASSOCIADAS AO FEMININO	
Ana Luíza Gouvêa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.4192028101	
CAPÍTULO 2	13
A LITERATURA INFANTIL AFRICANA: ROMPENDO COM A CULTURA HEGEMÔNICA	
Mônica Abud Perez de Cerqueira Luz	
DOI 10.22533/at.ed.4192028102	
CAPÍTULO 3	28
A PRÁTICA RELIGIOSA E A MORTE NA MEMÓRIA DOS IMIGRANTES JAPONÊSES	
Tomoko Kimura Gaudioso	
André Luis Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.4192028103	
CAPÍTULO 4	41
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO RELIGIOSO: UM OLHAR SOBRE A MANUTENÇÃO E/OU RESTAURAÇÃO DA IGREJA SÃO TIAGO MAIOR DE LÂNDANA (CABINDA/ANGOLA)	
Joaquim Paka Massanga	
DOI 10.22533/at.ed.4192028104	
CAPÍTULO 5	54
A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICO-LITERÁRIA DA MADEIRA DE ACÁCIA NO ÂMBITO DAS LOCAÇÕES CÊNICAS DAS NARRATIVAS BÍBLICAS	
Petterson Brey	
DOI 10.22533/at.ed.4192028105	
CAPÍTULO 6	63
A SERVIÇO DO QUE SE MOVE: A TRADIÇÃO CAMBIANTE DA FESTA DOS SANTOS PEREGRINOS	
Andiara Barbosa Neder	
DOI 10.22533/at.ed.4192028106	
CAPÍTULO 7	77
AS MISSÕES PROTESTANTES NA AMÉRICA LATINA E SEU IDEÁRIO POLÍTICO	
Dora Deise Stephan Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.4192028107	

CAPÍTULO 8.....	90
O PARADIGMA TRADICIONAL DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: O DESAFIO DA DOCÊNCIA TEOLÓGICA CONFSSIONAL	
Davi Marreiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4192028108	
CAPÍTULO 9.....	102
PARALELO ENTRE O PENSAMENTO DE YVES CONGAR E OS DOCUMENTOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA EM MEDELLIN: SUA RELAÇÃO COM A <i>LUMEN GENTIUM</i> E GAUDIUM ET SPES DO CONCÍLIO VATICANO II	
Ailton Bento Araruna	
Edilberto Cavalcante Reis	
DOI 10.22533/at.ed.4192028109	
CAPÍTULO 10.....	109
RELIGIÃO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO NO ESPAÇO PÚBLICO CONTEMPORÂNEO	
Sérgio Murilo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.41920281010	
CAPÍTULO 11.....	119
SINAIS DOS TEMPOS EM “TEMPOS LÍQUIDOS”: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI	
Ademilson Tadeu Quirino	
Ligja Maria dos Reis Matos	
DOI 10.22533/at.ed.41920281011	
SOBRE OS ORGANIZADORES	135
ÍNDICE REMISSIVO.....	137

CAPÍTULO 2

A LITERATURA INFANTIL AFRICANA: ROMPENDO COM A CULTURA HEGEMÔNICA

Data de aceite: 27/10/2020

Data de submissão: 17/08/2020

Mônica Abud Perez de Cerqueira Luz

Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo – São Paulo
<https://orcid.org/0000-0002-7839-8114>

RESUMO: O presente trabalho teve como principal objetivo analisar os discursos veiculados em livros de literatura infantil a partir de uma perspectiva pós-estruturalista e de alguns apontamentos de Foucault (2014a, 2014b) sobre a articulação entre o discurso, poder e conhecimento. Utilizaremos para análise os livros de literatura infantil produzidos após a promulgação da Lei n.º 10.639/2003, que estabeleceu a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, buscando compreender como os discursos e as formas textuais e iconográficas podem ou não trazer uma carga intencional, estereotipada, naturalizada e constituída do que é ser negro nos dias de hoje. Discutiremos se o gênero literário infantil pode oportunizar por meio da narrativa, reflexões acerca das representações do negro e da negra contidas nas obras de literatura infantil sob a luz das seguintes categorias: oprimido, conscientização e identidade negra. Anossa hipótese inicial era a de que, após a implementação da Lei n.º 10.639/2003, os discursos sobre os personagens negros e negras mantêm a operacionalização do

racismo na literatura infantil. Do ponto de vista teórico-metodológico, a pesquisa é qualitativa, de cunho etnográfico. Debruçaremos sobre vinte e sete obras pertencentes ao arquivo da Biblioteca Municipal Paulo Duarte (Biblioteca com acervo temático em cultura africana e afro-brasileira), com o intuito de entender como são representados os personagens negros e negras na literatura infantil; nosso objeto de estudo. Para a consecução do objetivo, tomamos as representações dos personagens negros e negras contidos nas vinte e sete obras analisadas ao longo do trabalho. Destacamos após a pesquisa que dos vinte e sete livros analisados, dois deles apresentam discurso normativo e preconceituoso; o que demonstra que nossa hipótese inicial não se confirma.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil. Racismo. Identidade negra. Relações raciais.

AFRICAN'S CHILD LITERATURE: BREAKING WITH HEGEMONIC CULTURE

ABSTRACT: The present work has as main objective to analyze the discourses carried in books of literature from a post-structuralist perspective and Foucault (2014a, 2014b) on the articulation between discourse, power and knowledge. We will use for analysis the books of children's literature produced after the promulgation of the Law 10.639 / 2003, which established the inclusion in the official curriculum of the school system of the “History and Afro-Brazilian Culture” theme, seeking to understand how discourses and textual and iconographic forms may or may not bring a

burden intentional, stereotyped, naturalized and constituted of what it is to be black these days. We will discuss if the children's literary genre can opportunize through narrative, reflections about the representations of the black and the black contained in the works of children's literature under the light of the following categories: oppressed, black conscientization and identity. Our hypothesis that after the implementation of Law 10.639 / 2003, the black and black characters keep the operationalization of racism in children's literature. Of theoretical-methodological point of view, the research is qualitative, of an ethnographic nature. We will look at twenty-seven works belonging to the archive of the Paulo Municipal Library Duarte (a library with a thematic collection in African and Afro-Brazilian culture), with the to understand how black and black characters are represented in children's literature; our object of study. In order to achieve the objective, we take the representations of black and black characters contained in the twenty-seven works analyzed throughout the work. We highlight after the research that of the twenty-seven books analyzed, two of them present normative and biased discourse; which demonstrates that our initial hypothesis does not confirms. **KEYWORDS:** Children's literature. Racism. Black identity. Race relations.

1 | INTRODUÇÃO

O sol de ontem pode ter se posto, mas
sua luz iluminará os dias que virão.

Provérbio Africano

A definição do tema desta pesquisa origina-se exatamente por essa lacuna: a invisibilidade dos personagens negros nas histórias infantis é um grande engodo ao dar como sinônimo os conceitos de diferença e diversidade produzindo um discurso homogeneizado sobre a identidade, desconsiderando as particularidades dos sujeitos, suas histórias e culturas. Um país constituído por um povo mestiço, onde o racismo e suas práticas excludentes perpetuam sorrateiramente desde a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888 até os dias atuais. O mito da democracia racial¹ sustenta uma pseudo-harmonia entre brancos e não brancos que não existe. Ele surge como um legado da escravidão que levou a um desenraizamento do povo negro de suas marcas históricas.

Os conceitos utilizados para estudar a questão racial são ambíguos, podendo ser interpretados diferentemente, como por exemplo o conceito de “raça”². Mesmo

1. O Mito da democracia racial é a ideia de que haveria no Brasil, ao contrário de outros países como África do Sul e Estados Unidos, uma convivência pacífica entre as etnias, além do que todos teriam individualmente chances iguais de sucesso. Conceito derivado da obra de Gilberto Freyre, sociólogo brasileiro dos anos de 1930, responsabilizado pela criação deste “mito” embora não tenha dito ou escrito de forma explícita o referido conceito. Por meio de sua obra *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, teria surgido esta ideia de que no Brasil não há racismo.

2. “Raça”: segundo Quijano (1997), raça são índios, negros e mestiços, advindos do processo de dominação exercido pela Europa na América, foi de fundamental relevância para o surgimento de um novo padrão de poder mundial – o capitalismo – sendo assim a primeira identidade da modernidade. Surge então uma ne-

biólogos afirmando que “raças” não explicam as diferenças existentes entre os homens do ponto de vista genético, as características fenotípicas são entendidas como diferenças raciais pelos sujeitos envolvidos nas relações que estabelecem com os outros. Por essa razão, o conceito de “raça” é utilizado nos estudos que abordam as relações entre brancos e negros no Brasil.

Nos anos de 1950, Florestan Fernandes³, Roger Bastide, Oracy Nogueira, Thales de Azevedo, dentre outros pesquisadores, iniciaram uma série de estudos patrocinados pela Unesco, que tinha como objetivo verificar o suposto caráter democrático das relações raciais no Brasil, enfatizando um convívio harmonioso entre os diferentes grupos que compunham a sociedade brasileira nos anos de 1950. Os estudos culminaram na modificação substancial da interpretação acerca das relações raciais no contexto da sociedade brasileira.

De uma sociedade até então tida como racialmente resolvida, com uma democracia étnico-racial, como acreditava Gilberto Freyre (2000), Florestan Fernandes (1965) constatou que os grupos raciais se posicionam de modo diferente no interior da ordem social e que a distribuição das posições sociais está intimamente relacionada ao preconceito (pré-disposição para a ação) e à discriminação racial (ação) praticada contra os negros.

No Brasil, a desigualdade, além de enorme, tem um forte componente racial.

Os números da PNAD de 2015 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), apontam que os negros e os pardos representavam 54% da população brasileira, mas sua participação no grupo dos 10% mais pobres era de 75%. No grupo do 1% mais rico da população, a porcentagem de negros e pardos é de apenas 17,8%. A desigualdade de renda mantém-se constante e a população permanece segmentada por cor ou “raça”.

A desigualdade não é apenas de renda. Pretos ou pardos estavam 73,5% mais expostos a viver em um domicílio com condições precárias do que brancos.

Estudos sobre negritude e branquitude, como a Tese de Schucman (2012), intitulada *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*, elucida a construção da categoria branquitude por uma classe dominante e eurocêntrica, resultante de um racismo

cessidade perversa de codificar, de pontuar e classificar as diferenças entre metrópole e periferia, europeus e nativos da América, enfim, entre conquistadores e conquistados. Toda esta diferenciação vai ser possível a partir da criação do conceito de raça em seu sentido moderno. Este será constituído a partir da visão europeia, que utiliza da biologia para buscar sua legitimação. Desta forma, seria natural, dentro do universo dos seres humanos, que uns seriam “naturalmente” superiores e inferiores em relação aos outros.

3. Autor da obra *A integração do negro na sociedade de classes* (FERNANDES, 1965), sustenta a ideia de que o racismo no Brasil existe e causa sérios prejuízos à sua população negra. A diferença é que o racismo brasileiro manifesta-se como “preconceito de cor”. Ou seja, a identificação entre negro ou mestiço e pobreza mascara as barreiras que mantêm a população não-branca afastada das oportunidades de mobilidade social abertas pela sociedade capitalista.

estruturado na sociedade paulistana, apontando os efeitos produzidos nas identidades das pessoas não brancas. Munanga (2015) enfatiza a existência de um racismo estruturante na sociedade, que submete as identidades múltiplas que constituem a população brasileira. Assim, alerta para a necessidade de buscar o passado desse povo negro: o resgate da identidade afro-brasileira com ênfase no processo histórico do negro no Brasil, seus valores, culturas ancestrais; luta e muita resistência. Para Munanga, a busca e afirmação da identidade negra terminaria com alguns problemas específicos dos negros, como a baixa estima e o complexo de inferioridade.

O conceito de negritude vem designar um movimento surgido na década de 1930 em Paris, expandindo-se depois para os demais países, contra as práticas de intolerância, inferiorização e racismo contra os negros e as negras. O objetivo político do conceito de negritude foi de requalificar o negro e a negra dentro da sociedade nos aspectos: social, político, cultural, dentre outros⁴.

O ideal de branqueamento⁵ e o mito da democracia racial foram para Munanga (2015), na obra *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*, impeditivos para a organização política, social e de consciência coletiva dos negros. A elite tentou assimilar as diversas identidades existentes no país de modo eurocêntrico, mesmo com os movimentos de resistência cultural dos povos oprimidos: indígenas e negros.

Esse trabalho pretendeu analisar como o personagem negro e sua cultura está sendo representado na literatura infantil por meio da ótica da contra-hegemonia do poder e de luta contra a exclusão social, segundo Santos (1998).

Em seu artigo *Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas*, Gomes (2011) afirma que a identidade negra é uma construção social e pessoal, mas que no Brasil a busca pela identidade é afetada pelas variáveis raça e gênero, dificultando o processo de formação identitária do negro. Aponta os movimentos de resistência do povo negro e a articulação do Movimento Negro que atualmente denuncia a neutralidade do Estado frente a toda a desigualdade racial, xenofobia e demais formas de intolerância, exigindo dos mesmos políticas afirmativas, representações políticas constituídas por negras e negros.

A pesquisa descrita na presente tese é de cunho qualitativo e etnográfico. Desse modo, o objeto desta pesquisa é a análise e discussão das representações sociais dos personagens negros e negras contidas nos livros infantis publicados após a promulgação da Lei n.º 10.639/2003, com o intuito de compreender como o

4. Cabe ressaltar que existe uma bipolarização afrocentrismo/eurocentrismo relativa ao conceito de negritude.

5. Segundo Munanga (2015), o processo de construção da identidade brasileira deveria seguir a elite dominante, sendo, portanto, baseado no ideal do branqueamento. Tornar-se branco, para alguns negros, era escapar da discriminação racial, social, da exclusão.

processo de construção da identidade negra acontece dentro desse contexto.

Nosso universo de pesquisa serão os livros a serem analisados, produzidos após a Lei n.º 10.639 (BRASIL, 2003), com enfoque no protagonismo do povo negro e na cultura afro-brasileira. Os mesmos fazem parte da Biblioteca Municipal Temática Afro-Brasileira Paulo Duarte.

A hipótese inicial era a existência da operacionalização do racismo nas representações dos personagens negros e negras contidas nos livros de literatura infantil publicados após a Lei n.º 10.639/2003.

A relevância da pesquisa está na ampliação da discussão sobre as configurações das relações sociais entre negros(as) e brancos(as) na literatura infantil, com vistas à promoção da igualdade e respeito à diversidade.

Foram utilizadas as categorias, a saber: *conscientização, oprimido, identidade negra*.

A *conscientização*, na concepção de Paulo Freire (1979), ultrapassa a esfera espontânea de apreensão da realidade, levando o homem a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto do cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica para desvelá-la.

Para Paulo Freire (1979, p. 17), “[...] a conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização”.

A segunda categoria a ser utilizada será *oprimido*⁶, em Paulo Freire (1987), na obra *Pedagogia do Oprimido*, que enfatiza a relação de opressor e oprimido, onde o oprimido está acostumado com a estrutura de dominação e teme a liberdade por ter medo de assumi-la em sua plenitude, sofrendo uma dualidade: liberdade ou opressão; desalienar-se ou manter-se alienado.

A libertação para Paulo Freire é uma escolha dolorosa, uma vez que o homem que nasce desse “parto” é um homem livre, pois, ao libertar seu opressor, também se faz livre.

A terceira categoria a ser desenvolvida na pesquisa será *identidade negra*, cunhada por Munanga (2015) na obra *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*, que salienta a existência do campo ideológico herdado desde a colonização na categoria mestiçagem. Na tríade negra, branca e mestiça, o autor reitera que o negro era o componente da raça inferior e o português, apesar de mestiço, não deixava de ser a aristocracia.

A análise de discurso foi feita a partir de Foucault, com base nas obras *A ordem do discurso* (2014) e *A arqueologia do saber* (2014), visando, assim, compreender como o discurso constrói e se manifesta nas obras literárias que compõem nosso

6. Oprimidos, para Paulo Freire (1987, p. 47), “[...] são acomodados e adaptados, imersos na própria engrenagem da estrutura da dominação. Temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la”.

universo da pesquisa.

2 | LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil surgiu no século XVII com Fenélon (1651-1715), justamente com a função de educar moralmente as crianças. As histórias tinham uma estrutura maniqueísta, demarcando o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. Naquele momento, a literatura infantil constituiu-se como gênero em meio a transformações sociais e repercussões que surgiam no meio artístico.

Em 1695, Charles Perrault (1628-1703) traz a público *Histórias ou contos do tempo passado*, com suas moralidades, como os *Contos de Mamãe Gansa*. As histórias: *A Bela Adormecida no bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *A Gata Borralheira*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar* são editados. Dentro desse contexto, Perrault trouxe a história moralizadora, normativa. A história da menina e do lobo sofreu ainda alterações por Hans Christian Andersen e pelos Irmãos Grimm.

No século XIX, os livros infantis começavam a se firmar no cenário literário. Autores começavam a criar histórias mais interessantes para crianças.

No final do século XIX, no Brasil, ficaram conhecidas as narrativas de *Contos da carochinha* (1896).

No século XX, no Brasil, o primeiro grande marco da literatura infantil brasileira foi *A menina do narizinho arrebitado* (1920), do escritor paulista Monteiro Lobato. O livro depois foi batizado de *Reinações de Narizinho* (LOBATO, 1931). Era o surgimento da boneca tagarela Emília, de Pedrinho, do Visconde de Sabugosa, de Dona Benta e de Tia Nastácia, entre muitos outros personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Para Coutinho (1997, p. 298), a contribuição de Lobato para a literatura infantil foi coroada com as obras *História do mundo para as crianças* (1935), *Aritmética de Emília* (1935) e *Geografia de Dona Benta* (1935). O autor ressalta que Lobato rompeu com os padrões prefixados do gênero, superando conceitos e pré-conceitos daquele contexto.

Entre 1920 e 1930, Lobato criou um mundo povoado por criaturas, onde se misturam verdade e fantasia. Isso se deu através dos personagens: Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho, Narizinho, Emília e Jeca Tatu.

Para Cademartori (2010), Lobato criou a estética da literatura infantil, pois seus textos estimulavam o leitor a ver a realidade por meio de conceitos próprios, criando espaços para interlocução com o destinatário.

Os anos de 1970 e 1980 marcaram outro importante *boom* da literatura infantil. Foi nesse período que surgiram escritores como Ana Maria Machado,

Fanny Abramovich, Lygia Bojunga, Joel Rufino dos Santos, Marina Colasanti, Sylvia Orthof, Ricardo Azevedo, Ruth Rocha, Tatiana Belinky e muitos outros. Na poesia, destacavam-se autores como José Paulo Pais, Roseana Murray e Elias José, Stella Carr, Pedro Bandeira e Ana Maria Machado, que buscam levar os leitores a explorar as relações do cotidiano.

Analisar a relação entre literatura infantil e negritude é refletir sobre um contexto de ausências.

A questão da raça, segundo Quijano (1997), é a classificação social da população mundial de acordo com uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Para o autor, foram os colonizadores que codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial.

Dalcastagnè (2011), no texto *A personagem negra na literatura brasileira contemporânea*, aponta num estudo quantitativo a falta de representação dos personagens negros na literatura brasileira, além da representação estereotipada, que coloca os personagens num lugar de submissão.

E afirma:

Ampla pesquisa com romances das principais editoras do país publicados a partir de 1965 identificou quase 80% de personagens brancas, proporção que aumenta quando se isolam protagonistas ou narradores. Isso sugere outra ausência, desta vez temática, em nossa literatura: o racismo. Se é possível encontrar, aqui e ali, a reprodução paródica do discurso racista, com intenção crítica, ficam de fora a opressão cotidiana das populações negras e as barreiras que a discriminação impõe às suas trajetórias de vida. (DALCASTAGNÉ, 2011, p. 309).

Na literatura infantil brasileira, conforme enuncia Jovino (2006), os personagens negros e negras parecem ter um espaço muito restrito visto que só aparecem nos livros no final da década de 1920 e início da década de 1930, sendo Monteiro Lobato uma referência deste período.

Segundo o autor,

É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém-saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro. (JOVINO, 2006, p. 187).

A cultura, os costumes e o conhecimento dessa população não eram descritos em sua inteireza e sim de forma pejorativa.

Em 1975, a literatura infantil passa a retratar a sociedade brasileira em seu contexto social, surgindo assim os personagens negros.

De acordo com Jovino (2006, p. 187-188),

Embora muitas obras desse período tenham uma preocupação com a denúncia do preconceito e da discriminação racial, muitas delas terminam por apresentar personagens negros de um modo que repete algumas imagens e representações com as quais pretendiam romper. Essas histórias terminavam por criar uma hierarquia de exposição dos personagens e das culturas negras, fixando-os em um lugar desprestigiado do ponto de vista racial, social e estético. Nessa hierarquia, os melhores postos, as melhores condições, as belezas mais ressaltadas são sempre da personagem feminina mestiça e de pele clara.

Dentro de toda essa complexidade, não se pode deixar de afirmar que a literatura infantil é importante na formação da criança em relação ao mundo que a cerca e em relação a si mesma.

Os livros infantis instigam o imaginário do leitor propiciando uma viagem por lugares mágicos. Por meio das narrativas, a criança aprenderá a conviver e a solucionar as situações do dia a dia, resgatadas pelos valores significativos trazidos pela literatura infantil.

Trabalhar a literatura infantil afro-brasileira contribuirá de modo significativo para romper com o modelo educacional eurocêntrico e monocultural, que privilegia somente a cultura hegemônica.

Silva (2010, p. 5) observa que

Uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura.

Assim, entende-se que a literatura com temática afro-brasileira contribui para as reflexões que rompem uma visão construída de desigualdades, permitindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade.

Cavalleiro (2000) e Santana (2006), dentre outros, apontam que a criança negra geralmente nega-se perante o outro por não perceber sua história e a do seu povo dentro do que é abordado na literatura infantil, no currículo escolar e nos materiais didáticos.

Dentro da perspectiva da literatura infantil e da negritude, a partir da Lei n.º 10.639/03, o Governo implementou o projeto “*A cor da cultura*” com o intuito de possibilitar uma nova visão, para professores e alunos, do continente africano e de suas relações com o Brasil.

Hoje, autores como Joel Rufino dos Santos, Heloísa Pires Lima, Geny Guimarães, Júlio Emílio Braz, Inaldete Pinheiro Andrade, Aroldo Machado, Petrovich e Machado, Rogério Andrade Barbosa, Zivaldo Pinto, Ana Maria Machado, Angela Lago, Tatiana Belinky, Daniel Munduruku, Ilan Brenman, Heloísa Prieto, Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, dentre outros, dedicam-se à literatura infanto-juvenil e à negritude, visando minimizar os estereótipos a que estes sujeitos estão expostos.

Há anos, os afrodescendentes buscam por seu espaço na cultura e na literatura no Brasil. Mesmo aprisionados, os afrodescendentes sempre manifestaram entre eles sua cultura, sua arte, sua literatura e sua religião, que perduram até hoje.

No Brasil, os personagens negros só aparecem a partir do final da década de 1920 e início da década de 1930, evidenciando a condição subalterna do negro. O seu papel secundário nas histórias era quase insignificante.

Com os movimentos abolicionistas e consequente libertação dos escravos, em 1888, surge a primeira heroína, “embranquecida” escrava, na obra *A escrava Isaura*, do escritor romântico Bernardo Guimarães (1997, p. 13): “A tez era como o marfim do teclado, alva que não deslumbra embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada”.

Em 1881, é publicado *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, que repete procedimento semelhante ao de Bernardo Guimarães. Apesar de ter como objetivo a denúncia do preconceito racial, o autor faz do personagem principal um herói mulato: muito fino e que se tornou um bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra.

Um estudo de Arthur Ramos, intitulado *O Folclore Negro do Brasil* (publicado em 1935), investigou estereótipos sobre o africano na poesia, folclore e prosa. O estudo apontou a violência manifestada em alguns intelectuais brancos e em outros negros que degradaram a própria origem étnica. Alguns estereótipos de submissão, preguiça, feiúra física, imoralidade, sexualidade desenfreada, voluptuosidade foram registrados como: *o negro bom, o negro ruim, o africano, a mulata e a crioula*.

A ausência de personagens negros e negras ou a sua marginalização nas histórias infanto-juvenis acarreta consequências no imaginário social, criando uma realidade distorcida e preconceituosa, mantendo uma ordem social desigual.

Na década de 1980, surgem livros com novas propostas, cujo objetivo central é romper com a visão estereotipada dos negros, valorizando suas tradições e também o seu aspecto físico, porém nem todos os livros tiveram sucesso, reforçando mais o preconceito racial.

Várias pesquisas demonstram a presença desses estereótipos negativos em relação aos negros na literatura infanto-juvenil, como a de Fúlvia Rosemberg (1980), onde mostra os estereótipos raciais presentes na literatura infanto-juvenil produzida no Brasil entre 1950 e 1975, através dos textos e das ilustrações dessas

produções. A autora aponta que mulheres, crianças e não brancos encontravam-se num mesmo patamar de inferioridade face ao modelo masculino adulto branco, mesmo guardando as devidas diferenças entre mulher negra, criança não branca e homem não branco.

Com a finalidade de mudar o quadro aparente, ocorreram importantes reformas curriculares, com questões relativas ao preconceito racial. O marco é a Lei n.º 10.639/2003, que impõe o ensino obrigatório da História e da cultura afro-brasileiras, incluindo o estudo da História da África e dos africanos.

A literatura infantil começou a apresentar essa temática racial em alguns livros, enfatizando o preconceito racial dissimulado e assistemático com o qual convivemos. Como explicou Fernandes (1972, p. 73),

Os brancos não vitimizam consciente e deliberadamente os negros e os mulatos. Os efeitos normais e indiretos das funções do preconceito e da discriminação de cor é que o fazem, sem tensões raciais e sem inquietação social. Restringindo as oportunidades econômicas, educacionais, sociais e políticas do negro e do mulato, mantendo-os "fora do sistema" ou à margem e na periferia da ordem social competitiva, o preconceito e a discriminação de cor impedem a existência e o surgimento de uma democracia racial no Brasil.

Hoje é possível encontrar obras mostrando personagens negras na sua resistência ao enfrentar os preconceitos, resgatando sua identidade racial, desempenhando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias e as religiões de matriz africana, como também encontrar histórias que permitam observar uma ressignificação da personagem negra. Elas passam a ser personagens principais, cujas ilustrações se mostram mais diversificadas e menos estereotipadas.

A temática negra é um dos principais fatores que diferenciam a literatura afro-brasileira das demais. Esta literatura preocupa-se em resgatar a história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências até a glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba.

A literatura afro-brasileira, se utilizada de forma comprometida e com o princípio básico da desconstrução de estereótipos e preconceitos racistas, pode ser uma grande aliada no despertar da subjetividade infantil, na formação da identidade étnico-racial e na valorização da cultura negra. Pode possibilitar a construção de uma educação libertadora, como propunha Paulo Freire (1989).

Mesmo sendo um passo para reduzir as injustiças e emancipar muitos jovens das lentes opressoras com que aprenderam a ver o mundo, o sentimento de exclusão das crianças negras é reforçado nas instituições escolares pela mordada ideológica que os separa e os divide entre seres superiores e inferiores, tendo como pano de fundo a cor da pele.

Na educação infantil, esses mecanismos de inculcação são perversos e

ênfatazam a “naturalização” da desigualdade e da “inferioridade” racial.

O silêncio em relação ao tema faz com que a criança perca a capacidade crítica de avaliar o mundo que a cerca, além do que essa despreocupação com a convivência multiétnica promove a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores. É um racismo “silencioso” que passa a existir e estabelece as formas de relações sociais.

Muitas imagens presentes em materiais didáticos apresentam o negro como uma caricatura, impedindo um autorreconhecimento da criança negra consigo própria e uma identificação com sua vida.

Para Munanga e Gomes (2004, p. 179)

[...] o racismo se define como: [...] um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato de olho etc. Ele é resultado da crença de que raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira.

3 I APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS DOS LIVROS

A partir da seleção dos noventa e três livros que versavam sobre o tema étnico-racial e cultura africana, foi iniciada a investigação sobre quais livros poderiam ser objeto de análise, segundo as categorias: oprimido, conscientização e identidade, levantadas previamente.

Ao final do levantamento bibliográfico do acervo, foram selecionados 27 livros que pudessem contemplar, naquele momento, nosso universo de pesquisa (os livros com a temática étnico-racial) e objeto de estudo (representações sobre o personagem africano, afro-brasileiro e sua cultura).

Dos noventa e três livros então selecionados, foram encontrados 27 livros que traziam claramente as características étnicas e raciais que contemplavam os personagens negros, características étnicas e raciais (fenotípicas) como traços físicos: cor da pele, tipo de cabelo, olhos, nariz, boca, como protagonistas das histórias, suas culturas, hábitos, crenças; vivenciando situações corriqueiras do dia a dia. Desses, dois apresentavam traços de racismo, como no caso do livro *Peppa*, a personagem principal que contesta os seus cabelos e sua raça. Busca um referencial de beleza branco, de seu opressor. Faz alguns movimentos para entender a razão de seus cabelos com cachos.

Foucault (2014b), na obra *A arqueologia do saber*, reitera que quem detém o conhecimento detém o poder, estabelecendo a relação de opressão.

Sendo assim, ao negro, como “biologicamente” inferior, cabe ouvir e respeitar

o branco.

No livro *o menino marrom*, o que se mostra é uma gradação de cores e a questão raça se torna irrelevante.

Para Hall (2006), a criança forma sua identidade ao longo do tempo por meio de processos inconscientes. Assim, a construção da identidade se inicia na infância e sofre influência de todos os referenciais com os quais ela irá se deparar. Deste modo, tendo a possibilidade de conhecer outros mundos e outras realidades, as crianças desenvolverão capacidades de crítica e de questionamento dos sistemas dominantes impostos.

Para analisar o discurso contido nas obras, dentro da concepção foucaultiana, foram explorados ao máximo os materiais, pois estes estão imbuídos de produção histórica e política, onde as palavras são também construções, uma vez que a linguagem também é constituída de práticas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo analisar as representações dos personagens negros e negras contidas nos livros de literatura infantil produzidos após a publicação da Lei n.º 10.639/2003. Foram utilizadas as categorias: *oprimido*, *conscientização* e *identidadenegra*. Para a análise das discussões presentes nos livros analisados, foram utilizados os conceitos foucaultianos: discurso, poder e conhecimento.

A nossa hipótese era a de que após a implementação da Lei n.º 10.639/2003, os discursos sobre os personagens negros e negras operacionalizavam o racismo.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a pesquisa foi de cunho qualitativo e etnográfico.

Após análise de vinte e sete obras pertencentes ao arquivo da Biblioteca Municipal Paulo Duarte (Biblioteca com acervo temático em cultura africana e afro-brasileira), com o intuito de entender como são representados os personagens negros e negras na literatura infantil partir de uma perspectiva pós-estruturalista e de alguns apontamentos de Foucault (2014a) sobre a articulação entre o discurso, o poder e o conhecimento, foi possível constatar que os personagens negros tornaram-se mais frequentes, com descrição das características físicas e cognitivas dos mesmos e de sua relação com os personagens brancos, além de sua inserção no espaço social e a reafirmação da cultura africana e afro-brasileira.

Destaca-se a construção de referências estéticas e culturais voltadas para a compreensão dos significados da composição racial da população, temática que pouco ecoava nas obras endereçadas ao público infantil antes da promulgação da legislação e, raramente, quando apresentavam personagens negros e negras, estavam ligados à exclusão e submissão ao branco, lembrando o passado

escravocrata.

Uma questão recorrente a ser apontada nesses livros analisados é a valorização do fenótipo (cabelo crespo) e a associação de seus estereótipos à beleza, possibilitando o fortalecimento da autoimagem positiva dos personagens negros e negras.

Outros livros analisados mostram naturalmente a diversidade do povo brasileiro.

Outro aspecto a evidenciar é a questão da raça que emerge de forma positiva nos discursos narrativos.

A literatura infantil brasileira apresenta atualmente algumas obras que valorizam a identidade, a cultura, a religião e os contos de tradição africana. Nessas obras, o personagem negro ocupa, muitas vezes, o papel de protagonista.

Nesse contexto, a literatura infantil passa a atuar como uma das ferramentas no combate ao preconceito e à discriminação racial no Brasil, uma vez o discurso literário denuncia a atual condição do negro na sociedade e afirma um sentimento positivo de valorização da história, da identidade, dos aspectos éticos e estéticos do povo negro.

Diante das análises dos livros infantis e a representação dos negros e das negras, entendemos que a nossa hipótese inicial de que o racismo estava operacionalizado nas obras de literatura infantil com temática étnico-racial após verificada não se confirmou, pois se, por um lado, o conhecimento e o reconhecimento das diferenças apresentadas em vinte e cinco obras dentre as vinte e sete obras pressupõem outro paradigma de conhecimento, que tem como ponto de partida a ignorância como colonialismo e o conhecimento como solidariedade, por outro lado, as outras duas obras perpetuam o racismo por meio de um discurso normativo eurocêntrico e preconceituoso.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. *O Mulato*. São Paulo:Ática, 1881.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. *Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.

CADEMARTORI, L. *O Professor e a Literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

- CAVALLEIRO, E. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*: Educação e Poder; racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil. São Paulo: Summus, 2000.
- COUTINHO, A. *Crítica literária*: Notas de teoria literária. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- COUTINHO, C. Notas sobre cidadania e modernidade. *Praia Vermelha*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 145-165, set. 1997.
- DALCASTAGNÈ, R. *A personagem negra na literatura brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus, 1965.
- _____. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 1972.
- _____. *O que é a Sociologia?*In: _____. Elementos de sociologia teórica. São Paulo: Editora Nacional, 1974.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2014a.
- _____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.
- _____. *Genealogia del racismo*. La Plata: Altamira, 1996.
- FREIRE, P. _____. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Educação anti-racista*: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10639/03. Brasília, DF, 2011. p. 39-62.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JOVINO, I. da S. Literatura Infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, F.; LIMA, M. N. (Org.). *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: Centro de estudos afro-orientais; Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-66, 2004.
- _____. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 33, p. 109-117, 1990.
- _____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*: Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2015.

NASCIMENTO, A. do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, E. L. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

QUIJANO, A. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 1997.

ROSEMBERG, F. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

_____. Relações raciais e rendimento escolar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 63, p. 19-23, nov. 1987.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bíblia Hebraica 54, 55, 56, 57, 58, 59

C

Confessionalidade 90

Congar 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

E

Eclesiologia 102, 103, 104, 105, 106, 108

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 27, 63, 64, 65, 123, 132, 135

H

Habermas 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118

I

Identidade negra 13, 16, 17, 26

L

Literatura infantil 13, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 27

M

Medellin 102, 106, 107, 108

Morte 28, 29, 30, 33, 34, 35, 39, 86, 109, 110, 122, 125, 127, 130

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 22, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 75

N

Narrativas bíblicas 54, 55, 56, 58, 60

P

Paradigmas 6, 90, 93, 99

Peregrinos 63

Preservação 35, 41, 42, 51, 52, 53

R

Racismo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27

Relações raciais 13, 15, 26, 27

Religião 2, 3, 8, 10, 12, 21, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 40, 41, 45, 48, 78, 81, 83, 84, 86, 88, 89, 97, 109, 110, 111, 112, 113, 118, 127, 135

Restauração 41, 52, 54, 59, 79

S

Santos 16, 19, 21, 31, 33, 40, 63, 66, 67, 68, 69, 73, 91, 104

T

Tempos líquidos 119, 128, 129, 130, 134

Teologia 2, 5, 61, 76, 77, 78, 84, 88, 90, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 121, 133, 135

Tolerância 109

X

Xintoísmo 28, 29, 30, 31, 32, 34

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2